

AMÂNDIO, UMA LIÇÃO DE AMOR ÀS ORQUÍDEAS

A maioria das entrevistas que tenho feito nesta série (que tem o propósito, nada oculto, de oferecer elementos para a história da orquidofilia brasileira), tem sido na base de mandar o questionário escrito e receber texto de resposta. Nesse tipo de interlocução perde-se uma porção de coisas, mas nem sempre se pode vencer as distâncias... Com Amândio foi diferente. Mande-i-lhe o questionário, mas ele, por telefone (como ele disse num dos trechos da sua fala, faz do telefone suas antenas para o mundo...) me disse que não ia escrever e dias depois recebo duas fitas-cassete, com o que todos vão ler. É o testemunho de vida e de amor de um dos melhores orquidófilos brasileiros que já conheci e de um ser humano de grande envergadura, Amândio Pinho Caetano.

Raimundo Mesquita

Amândio, como é que você se tornou orquidófilo? Isso foi quando?

- Bom, eu me tornei orquidófilo visitando uma exposição em Água Branca, onde conheci Ernesto Angerer e sua esposa, Regina e, também, Waldyr Endsfield. A Ernesto Angerer devo praticamente todo conhecimento que adquiri na minha iniciação em orquídeas. Passei a frequentar a casa deles e Ernesto, um dos maiores orquidófilos que o Brasil já possuiu, foi quem me ensinou que, para bem conhecer uma planta, você deve observá-la por muito tempo, até cansar de olhar e quando estiver cansado, olhar, olhar de novo, até ser capaz enxergar e tornar-se capaz de descrever cada detalhe daquela planta. Foi assim que me iniciei nas *Laelias purpuratas* em que o Ernesto era grande especialista. Isto deve ter de 30 a 32 anos.

Você sabe que, ainda hoje, há pessoas

no meio orquidófilo, dizendo-se orquidófilas, que olham uma planta, mas não conseguem ver o que ela tem de importante e característico.

Você tem uma trajetória parecida com a de Rolf Altenburg, primeiro industrial, no ramo de produtos químicos e, depois, comércio de orquídeas. Como foi e quando?

- Você sabe que tenho formação em química e na indústria eu tive uma trajetória rápida. Comecei como técnico e acabei como empresário no Brasil e na Argentina. Ajudamos a implantar uma indústria médico-farmacéutica nitidamente brasileira. Derrubamos a lei de patentes. Demos muita dor de cabeça às multinacionais. Os estrangeiros ficavam abismados com a nossa ousadia e com a nossa capacidade de produzir certas substâncias. O fato é que, respondendo à sua



Amândio e Júnior na estufa de *Phalaenopsis*



Carina, filha, operando a caixa estéril

pergunta, essa atividade me deu, também, grandes alegrias. Abandonei-a por dois motivos, um, a guerra sindical, dois, as flores.

Vamos entrar nos seus segredos?

Quais são as suas preferências em matéria de orquídeas? Espécies ou híbridos?

-Você sabe que na minha atividade profissional sempre trabalhei em pesquisa e isto tem continuado desde que me profissionalizei como produtor e comerciante de orquídeas. Quanto aos híbridos, eles andam tão complexos que já não há, praticamente, alegria de trabalhar nisso. É claro que você pode procurar colocar uma pinta aqui, um traço ali, mas o fato é que os híbridos já atingiram uma tal perfeição que é difícil melhorá-los, a não ser quando trabalhamos com retrocruzamentos. Comercialmente a gente pode hibridar buscando determinadas coisas, maior número de flores, uma época especial para floração, etc.

Mas você já pensou no trabalho de aperfeiçoamento que se pode fazer com espécies, numa purpurata, numa labiata, numa loddigesii, numa intermedia, numa schilleriana, numa aclandiae. São caminhos magníficos em que, praticamente, ainda não se fez nada. Eu tenho trabalhado nesse campo e com grandes alegrias. É certo que,

muitas vezes a gente usa grandes matrizes, plantas maravilhosas e se obtém, no final, resultados medíocres ou estapafúrdios. Mas, no geral, são muito grandes as alegrias.

Qual é a flor do seu coração, ou melhor, se você tivesse que eleger uma flor “nacional” do orquidófilo Amândio Pinho Caetano, qual seria ela?

Você me conhece há bastante tempo para saber que o Amândio é purpureateiro, purpureateiro de coração, de carteirinha assinada, eu sou purpureateiro e corintiano!...

Qual é o seu grau de satisfação com a atividade de produtor e comerciante de orquídeas? Se tivesse de recomeçar, você voltaria a desenvolver essa atividade? Nas mesmas bases?

O comércio de orquídeas hoje em dia já não é como antigamente. É, hoje, uma atividade altamente competitiva, onde você tem que ser extremamente dinâmico, estar ao par de tudo que está se passando no mundo, porque a competição é forte.

Em outros tempos você se estabelecia com um orquidário, deitava e rolava. Hoje, se você quiser apenas “deitar e rolar” em uns dois, três anos, acaba ficando para trás de uma maneira tal que nunca mais vai se recuperar.

No ramo que estamos mexendo hoje, com odontos, odontocídios, phalae-nopsis, a evolução dos produtos é tal, as novidades são tantas que ou você se mantém atualizado ou está fulminado. Mas é uma alegria, porque você lida com gente de muito bom nível, de muita competência e faz grandes amigos. Eu posso dizer que a orquídea me propiciou ter amigos espalhados pelo mundo todo. O Amândio é conhecido, tem amigos e isto é uma coisa maravilhosa.

Fale agora de cultivo e dos conselhos de manejo aos que querem se iniciar no cultivo

de orquídeas. Fale, também, de prevenção e combate a pragas e doenças.

- Se eu voltasse alguns anos não só teria começado da mesma maneira, mas, também, teria começado profissionalmente há mais tempo, eu teria me afastado da atividade industrial e me teria voltado para o comércio de plantas. No começo eu vacilei entre cultivar gérberas ou orquídeas. Eu adoro gérberas e não fiquei por aí porque essas plantas são protegidas por patentes tão violentas que não consegui me introduzir nesse comércio. Não conseguia sementes, não conseguia matrizes, que estavam todas patenteadas e o pessoal da Holambra bloqueou a venda de gérberas para o Brasil, mas eu adoro gérberas. Uma coisa é certa, porém, mesmo que eu viesse a comerciar com gérberas eu jamais teria abandonado o cultivo de orquídeas.

Cultivo é uma coisa estranha, pois você sabe bem que o que vale no meu orquidário não vale no seu. Existe um problema de iluminação, existe o problema de vento. Não existe regra geral para cultivo. Em qualquer orquidário o cultivador tem que pesquisar, tem que tentar ver qual é o melhor lugar para uma determinada planta, pois às vezes você tem uma planta que não vai bem e você muda ela dez metros para um lado ou para outro e ela passa a vegetar magnificamente, então não há remédio, você tem que procurar dentro do seu orquidário qual é o me-

lhor lugar para cada planta, pois algumas gostam mais de sol, outras mais de sombra, há as que gostam mais de vento, as que gostam de secar mais rápido, as que gostam de um lugar mais arejado, outras não gostam de secar a ponta da raiz. Enfim cultivo é algo que tem de ser aprendido na prática, você tem que se dedicar, pois orquídea é uma coisa que você tem que cuidar, já que não é como qualquer outra planta que possa ser largada e, ainda assim, ela vai. Não, orquídea precisa de carinho, cuidado, de adubação, de regas corretas. Uma das coisas que ouço com certa frequência é que orquídea não gosta de umidade; digo que isso é um engano muito grande, pois o de que ela não gosta é de substrato encharcado, mas quer umidade, umidade, veja bem, mas não de água em excesso. Faça o teste, observe uma planta mantida sempre úmida (daquele jeito que, tocando no xaxim, você sente que não está seco) e você vai ver, as raízes estão mais grossas e mais brancas, com as pontas sempre verdes. Ao contrário, se você mantém suas plantas em xaxim desidratado, vai ver que as raízes são fininhas, as pontas são duras e você sabe, tanto quanto eu, que a pior coisa que

pode acontecer em cultivo é deixar morrer a ponta da raiz, pois quando isto acontece a sua planta deixa de crescer de um a dois meses. Para um amador isto não tem lá muita importância, mas para um profissional isto tem custo, é perda de tempo que custa dinheiro,



Cattleya luddemania. Sementeira de Amândio



Berçário de frascos seados e germinados

você conhece o ditado...

Sobre pragas e doenças quero lhe dizer que, em matéria de prevenção, uma planta sadia praticamente não tem pragas ou doenças. E saúde quer dizer adubação e cuidado. Uma planta bem cuidada e bem adubada nunca adoece e não sofre ataques de pragas. A única praga que, por vezes, é difícil de combater é a infeliz da cochonila que gosta de atacar os orquidários, principalmente as plantas mais antigas, as plantas mais estressadas. Fora cochonila, um orquidário bem cuidado não conhece pragas. O conselho mais útil que posso dar a quem queira fazer um orquidário, ou, mesmo, um ripado é no sentido da vedação, ou seja, faça o seu ripado mas feche por cima e pelos lados com tela sombrite, fazendo, inclusive, portas, para evitar a penetração de insetos e outras pragas.

Comuns em orquidários são as lesmas e caracois. Quando eu visitava os orquidários de japoneses eu observava que por ali não se viam esses predadores e eu pensava que aquela gente devia fazer combate sistemático, até que descobri que não, que era também adubação em que os japoneses são mestres. Este é o segredo, adubação foliar em aplicações semanais e nas dosagens recomendadas.

Fale das suas gratidões orquidófilas. Diga, ainda, o que você quer legar aos seus dois filhos, que, como todo mundo sabe, são seus ajudantes e, também, cultivadores e produtores. Como se dividem as atividades dos dois.

Ao Ernesto, meu primeiro mestre, devo muito. Devo, também, a José Dias de Castro. Tive grandes amigos, a vida me premiou com grandes amigos, entre os orquidófilos mais antigos. Saudoso S. Hermann, um grande amigo de Porto Alegre, amigos como Mário Arruda Mendes, Marti-nelli, que dá saudade por que de há muito não o temos visto animando as exposições, o "Teteia", desculpe, Heitor Gloeden, o Jacy, de Ponta Grossa, grandes amigos, o nosso Sebastião Carneiro de Moraes, de Minas, grande homem, grande orquidófilo, grande companheiro. Entre os orquidófilos, você sabe, muita gente não gosta de mim, dizem que eu sou chato, mas, mesmo assim, eu consegui ter grandes amizades, gente que tem sido muito importante para minha vida não apenas para o orquidófilo.

Eu sou dos poucos privilegiados que conseguiu transmitir aos filhos o interesse por orquídeas. Os dois, tanto Júnior quanto a Carina, trabalham comigo. O Júnior é hoje o meu braço direito na produção e a Carina cuida do laboratório. O Júnior já trabalha comigo por volta de doze anos e a Carina começou há, aproximadamente, um ano e meio. Creio que gostam e estão bem adaptados, aprendendo muito rapidamente. O quero legar-lhes? Aquilo que sempre pratiquei: trabalho, seriedade e respeito aos amigos, à profissão e

aos clientes, causa da nossa existência como comerciantes.

Vou mudar de assunto, para lhe dizer que uma das minhas mais gratas emoções orquidófilas foi ver, numa das exposições da AOSP, uma touceira florida de *C. walkeriana* 'Feiticeira', de sua coleção. Quero, assim, registrar e documentar um fato histórico. Fale dela e de como surgiu entre os cultivadores e como foi parar nas mãos de Ademar Manarini, que lhe deu destaque e divulgação. Aproveite e fale, também, daquilo que mais agrada a todo orquidófilo, suas grandes descobertas, seus achados.

É uma história muito engraçada. Uma vez eu vinha vindo de carro de Santos e disse a minha mulher: "Vamos passar lá no Zé do Mato, que deve ter chegado de Minas e ver o que ele trouxe". O Zé era um catador de orquídeas ali de Diadema. Quando chegamos ele estava abrindo um monte de caixotes, cheios de walkerianas. Como bom fuçador lá fui eu enfiar a mão nas caixas nas caixas e de repente me aparece uma flor solta que eu quase "caio-de-quatro". Perguntei a ele: "Ô Zé cadê isto daqui?". E ele: "De que caixa você pegou?. Daquela dali, respondi e ele me disse: "então deve estar lá". Ganancioso, eu nem quiz procurar, comprei a caixa inteira. Passei o ano na expectativa, cultivando aquelas plantas todas à espera da hora de ver de novo aquela flor. Na época eu era meio principiantão e muitas vezes falei à minha esposa, puxa vida vai ser um arrazo e eu vou dar a ela o nome de Naldair. Passou o ano e começaram a florescer as walkerianas. Nada da flor espetacular que eu vira. Apareceram, é certo, boas plantas, a Fet 1, a Fet 2, que não são tão exuberantes, mas que têm labelo muito melhor do que o da Feiticeira, que, infelizmente, tem nisso seu único defeito, um

"para bem conhecer uma planta, você deve observá-la por muito tempo, até cansar de olhar e quando estiver cansado, olhar, olhar de novo, até ser capaz enxergar e tornar-se capaz de descrever cada detalhe daquela planta."

labelo muito pequeno. Mas nada, a planta não aparecia. Uma ocasião resolvi fazer uma visita a um amigo de Valinhos. Quando cheguei estava ele com amigos admirando uma touceirinha de orquídea. Me incorporei e levei um susto, lá estava a flor que eu tanto esperara,

com duas flores maravilhosas. Perguntei ao Castro que era o proprietário: "Onde você arrumou isto?"; "Lá no Zé do Mato, me respondeu". Acho que foi esta uma das poucas vezes em que eu perdi as estribeiras; procurei "Zé do Mato" e dei uma bronca, "por que você me vendeu uma caixa se você já tinha tirado a planta que eu queria e você me disse que estava ali?"

Mas, eu tinha observado que na touceira do Castro havia uma falha e perguntei ao Zé para quem ele vendera e ele me respondeu que fora para um tintureiro de Diadema. Deste passou para Kameyama, o "Cachimbo", que a cedeu ao Loboda para cultivo e, assim, ela chegou ao Ademar Manarini que, meristemando, divulgou-a com o nome que lhe dera o Castro, Feiticeira. O que ninguém conseguiu até hoje explicar adequadamente é como aparece tanta variação nos clones feitos por Manarini: A única hipótese plausível é a de erro nos cortes meristemáticos. Houve uma segunda meristemagem, feita pelo Gilberto Kerbauí, mas até hoje ninguém viu os resultados para saber se os clones saem iguais ou não, de modo a que se pudesse saber, com certeza, se na primeira houve algum erro de laboratório. A minha, que você viu naquela é exposição, é um pedaço da planta original, que depois pude obter.

Meus maiores achados, no mato, foram por telefone... Eu explico, depois de uma queda de árvore tentando colher uma *Sophronitis* e de quase ter morrido debaixo de uma pedra que correu e por pouco não me esmagou, desisti de mato e passei a usar o telefone. Depois cheguei à conclusão de que

o laboratório funciona melhor do que mata na nossa constante busca da perfeição...

À sua maneira, você é um grande preservador, já que dos seus laboratórios e sementeiras tem saído uma grande profusão de grandes espécies brasileiras. Quero que você fale sobre isto. Fale, também, sobre o interesse comercial de plantas de grande tamanho, como é o caso de *Laelia purpurata*, de que você é um dos grandes produtores brasileiros, ao lado de alguns gaúchos e catarinenses.

De fato as plantas de grande porte, entre elas a *L. purpurata*, que a gente adora, comercialmente são problema. Além do mais a flor da *purpurata* é muito sensível a transporte e, por isto, é complicado produzi-la em larga escala. Nós temos tentado comercializá-la quando ainda em botão, mas no Brasil não existe tradição de comprar planta ainda não florida e, além do mais, os distribuidores não costumam ter espaço para estocar plantas até o florescimento, sobretudo a *purpurata* que, como você sabe, precisa de condições especiais para florescer bem. Das outras grandes espécies brasileiras, a labiata, por exemplo, floresce numa época em que há uma profusão enorme de híbridos e, assim, comercialmente também tem grande dificuldade de venda. O mercado são alguns colecionadores.

Infelizmente as melhores espécies brasileiras estão na mesma situação, costumam florir nas épocas em que, também, há muitas flores e híbridos e assim, também, a clientela cativa é de amadores e mesmo esta está difícil porque quase todos amadores são, hoje, semi-profissionais. No Brasil, hoje, existem muitos produtores de orquídeas, sobretudo de "espécies" (ponho entre aspas porque tudo mundo sabe as barbaridades que estão se cometendo sob esse nome, os cruzamentos de má qualidade, as contrafações, etc.)...

E *Cattleya*, entre as brasileiras e colombianas, quais as de melhor comercialização e mais apreciadas pelos colecionadores?

O mercado para *Cattleya*, sejam brasileiras ou andinas, enfrenta o mesmo problema, saturação nas épocas de flor. Antigamente se conseguia produzir e vender as espécies andinas. O mercado tem grande preferência por *C. trianaei*. Engraçado, o mundo adora trianaei^(*). A nossa labiata é tão bonita quanto uma trianaei, principalmente as de Pernambuco com aquele maravilhoso porte alto e aqueles tufos de flores, mas o mundo adora trianaei, o mundo gosta é de trianaei. É difícil de entender isso, mas é o fato. É um mercado difícil; o Japão e os Estados Unidos que foram grandes importadores, hoje produzem suas espécies de *Cattleya*. Também nesse cenário você vê as complicações. Vou dizer logo, as falsificações. Veja os exemplos: orquidários americanos que insistem em vender *C. Dolosa* (*C. walkeriana* x *C. harrisoniana*) como walkeriana e outras muitas outras fraudes. Certas trianaei encontradas no Japão e levadas daqui são falsas também. De vez em quando a gente vê no Boletim americano, como espécies, plantas que, visivelmente, são híbridos. O que é que vai se fazer...



(*) O registro internacional de Orquídeas da RHS registra, em 10 gerações, 10.355 híbridos descendendo de *C. trianaei*. Sobre a afirmação ver pag 91.